

## 8- Benjamin, leitor de Proust

“Por um momento (...) podemos tirar, como de pequenos tubos de pintura, a nuance justa, esquecida, misteriosa e fresca dos dias que julgáramos recordar, quando, como os maus pintores, dávamos a todo o nosso passado estendido sobre a mesma tela os tons convencionais e idênticos da memória voluntária.”<sup>159</sup>

Marcel Proust

Apresentamos Proust pela ótica de Benjamin, percorremos alguns trechos do romance *Em busca do tempo perdido*, buscando explicitar aquilo que suscitou a influência do romance na filosofia do tempo de Benjamin, mostrando que filósofo e escritor compartilham da mesma convicção de que o passado comporta elementos inacabados que estão à espera de serem resgatados pelo presente.

Antes cabe esclarecer que embora o título da obra literária evoque impressões melancólicas de um passado que precisa ser retomado, Proust no seu livro *Em busca do tempo perdido* não visa entreter seus leitores com uma nostálgica narração de seu passado, sua busca pelo tempo perdido não intenta um resgate de uma infância e de uma juventude “como elas de fato foram”. Esta busca pelo tempo perdido não é motivada por uma saudade melancólica, mas sim por uma pungente necessidade de viver seu presente, e para isso o narrador se lança ao seu passado.

Sua genialidade não está em contar anedotas de um passado enfadonho que não possui nada de especial que mereça ser comunicado. O passado do narrador, que também é o personagem principal, é constituído em grande parte por vivências, ou seja, por uma eterna conexão de dias que transcorrem de forma pacata e superficial. Consagrando-se a esta vida homogênea e vazia o narrador se submete ao compasso da linearidade do tempo, ele não se empenha em feitos próprios nem realizações originais, leva a vida anônima de todos que, nivelada pelo geral do modelo, não apresenta nenhuma identidade que possa ser destacada do todo e compartilhada por todos como um exemplo. Sua vida não é um exemplo, antes ela se resigna aos exemplos.

---

<sup>159</sup> PROUST, Marcel. *O Caminho de Guermantes*, p.11

É muito raro que algum de nós tenha a coragem da própria originalidade e não se aplique em assemelhar-se aos modelos mais louvados.<sup>160</sup>

O narrador proustiano durante quase toda sua vida não foi esse caso raro de coragem, do contrário, ele se integrou ao comum da massa, incapaz de romper com os “modelos mais louvados”. A percepção da realidade do narrador é uma percepção comum, que no contato com a gigantesca gama de estímulos, recebe tudo de forma distraída, sem se deter em nenhum pormenor, compactando todos os instantes vividos em dados informativos, e assim o todo que compõe os acontecimentos é percebido de viés e rapidamente é esquecido.

Desta percepção nivelada pelo que é geral e guiada pela consciência, são geradas lembranças da mesma natureza, ou seja, lembranças que se compõem de imagens fragmentadas, vazias de sentidos e que são incapazes de mostrar os desdobramentos da constituição de quem as lembra. As informações evocadas por estas lembranças são tão objetivas que elas poderiam ser de qualquer um, elas não possuem nenhuma identidade.

É justamente esta lembrança comum que durante muito tempo foi tudo que o narrador guardava de seu passado. Sua infância, passada em uma cidadezinha chamada Combray, era lembrada por nada mais que esparsas imagens, tais como fotografias tiradas aleatoriamente, que não eram suficientes nem mesmo para formar um panorama do lugar e que dirá representarem a complexidade das sensações experimentadas naquela época.

“Nunca pude ver (de Combray) mais que aquela espécie de laço luminoso, recortado no meio de trevas indistintas, semelhante aos que o acender de um fogo de artifício ou alguma projeção elétrica alumiam e seccionam em um edifício cujas partes restantes permanecem mergulhadas dentro da noite (...). Mas como o que eu então recordasse me seria fornecido unicamente pela *memória voluntária*, a memória da inteligência, e como as informações que ela nos dá sobre o passado não conservam nada deste, nunca me teria lembrado de pensar no restante de Combray. Na verdade, tudo isso estava morto para mim”<sup>161</sup>. (grifo nosso).

Para Proust esta memória que desempenha a função de um arquivo, onde os acontecimentos passados são catalogados de acordo com sua posição

<sup>160</sup> PROUST, Marcel. *O Caminho de Guermantes*, p. 443

<sup>161</sup> PROUST, Marcel. *No Caminho de Swann*, p. 69 e 70.

cronológica e armazenados como dados objetivos, é denominada de *memória voluntária* ou memória da inteligência. Toda vez que precisamos recordar alguma informação é para a memória voluntária que recorremos, pela referência de uma data ou de um lugar encetamos buscas neste arquivo, o qual voluntariamente nos fornece exatamente aquilo que procurávamos, assim a memória voluntária é responsável pela sensação de continuidade do presente.

Uma vez que as informações encontradas na memória voluntária correspondem exatamente ao que procurávamos, dificilmente seremos chocados com uma informação que nos surpreenda, nesta memória o risco de um sobressalto é nulo, todo choque já foi devidamente aparado pela consciência. Ao recorremos a esta memória visamos apenas uma precisão de dados que confirmem nossas lembranças do passado. Vale dizer que na memória voluntária o passado é apresentado como um conceito histórico, encerrado no tempo em que se deu, logo guarda em si uma verdade fixa de como foi, a partir da qual, a cada vez que se solicite relembrar um fato, a forma de contá-lo será sempre a mesma sem que nada se altere. Este passado achatado que é resgatado pela memória voluntária, ou seja, pela consciência, pelos mecanismos da inteligência, é esvaziado de sentido, não é mais do que a impressão de um choque, que precisa ser assimilado rapidamente, e que produz efeitos imediatos. O passado assimilado pela consciência não conserva mais do que uma sucessão de momentos cronologicamente ordenados, toda a abstração das impressões do vivido, ou seja, a forma como os fatos foram sentidos e experimentados dificilmente são gravadas no arquivo da consciência. Segundo Proust, esta memória, pronta a se apresentar quando solicitada, não nos oferece mais do que “algumas pretensas amostras do passado que nada conservam do mesmo”<sup>162</sup>, ou, como diz Benjamin: “as informações sobre o passado, por ela (memória voluntária) transmitidas, não guardam nenhum traço dele”.<sup>163</sup>

As imagens fragmentadas que o narrador recordava de sua infância sendo fornecidas por esta lembrança destrutiva que reduz o passado a uma sequência de informações homogêneas e desarticuladas, significavam ao narrador não mais que uma apresentação de slides a qual ele assistia com o ânimo apático da repetição.

<sup>162</sup> PROUST, Marcel. O Caminho de Guermantes, p. 203.

<sup>163</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre alguns Temas em Baudelaire. In. Obras Escolhidas vol. III, p. 106.

“Certamente podem-se prolongar os espetáculos da memória voluntária, não demandando esforço maior do que o de folhear um livro de figuras. (...) com prazer egoísta de colecionador, dissera a mim mesmo, ao catalogar destarte as estampas de minha memória: ‘Afinal, vi muita coisa bela em minha vida’. A memória (...) nada fazia além de combinar entre si elementos homogêneos”.<sup>164</sup>

Os espetáculos da memória voluntária requerem a postura passiva de um espectador e não exigem esforço maior do que o de seguir o fluxo contínuo do encadeamento dos fatos. Assim, entregue às facilidades do entretenimento da recordação, o narrador preenchia seu tempo. Contudo estas facilidades não eram desfrutadas gratuitamente, pois, a covardia que o afastava de todo trabalho difícil, de toda obra importante e o aconselhava a pensar simplesmente em seus cuidados habituais de hoje, e seus desejos de amanhã, que se deixam ruminar sem esforço<sup>165</sup>, lhe acarretava uma constante sensação de vazio e indiferença, que o fazia crer que sua vida ainda não tinha se efetivado, pois como ele mesmo diz: “se minha vida me parecia tão vã, ao menos não tinha ainda realizado tudo.”<sup>166</sup> Desta forma ele se mantinha à espera do começo, da realização da própria vida.

E este começo, esta realização se dá ao narrador como o despertar de suas recordações, em que ele ultrapassa a estreita via da memória voluntária e descortina outros caminhos, que não foram pavimentados pela consciência. Esta nova via, Proust batiza de *memória involuntária*, e ao trilhá-la ele descobre seus paraísos perdidos, ou seja, “o verdadeiro passado, aquele que vem carregado com os odores, tremores e desejos de horas”<sup>167</sup>, todo o conteúdo que a memória voluntária desprezou por julgar sem importância, mas que fora furtivamente percebido e guardado nas entranhas da memória.

A percepção do narrador era mantida no âmbito da sua rotina, ele focava sua atenção apenas às mesquinhas do cotidiano e todo seu tempo era gasto em julgar a eterna repetição dos casos, assim, direcionando sua atenção apenas ao que é comum, ele estava distraído demais para perceber a amplitude das experiências em que estava mergulhado. Não obstante, estas experiências se acumulassem nele e sem mesmo que percebesse, elas o constituíam.

<sup>164</sup> PROUST, Marcel. O Tempo Redescoberto, p.154.

<sup>165</sup> De acordo com Proust, No Caminho de Swann. p. 73

<sup>166</sup> PROUST, Marcel. A Prisioneira. p.243

<sup>167</sup> OLIVEIRA, Bernardo. Olhar e Narrativa: Leituras Benjaminianas. p. 29

Essas experiências que no decorrer da vida do narrador foram se acumulando e o constituindo e que Proust apresenta como memória involuntária, aproximam-se da noção de experiência benjaminiana. Também reconhecemos claramente que a memória voluntária do Proust nos remete à noção de vivência de Benjamin, ou seja, à percepção objetiva que é mecanicamente solicitada para as tarefas cotidianas. Desta forma o romance, na perspectiva de Benjamin, estende-se sobre duas maneiras de perceber o tempo, pela experiência e pela vivência, de tal forma que Proust apresentaria, em forma de narrativa, a crítica da cultura da modernidade apresentada na filosofia de Benjamin.

Destarte o personagem de Proust se apresenta como um paradigma de homem moderno, destituído de herança da tradição. Tendo vivido em Paris entre os anos de 1871 a 1922, o escritor presenciou as grandes mudanças sofridas pelas cidades modernas, e, não obstante sua obra não preste muitas referências diretas sobre tal assunto, ela esmiúça com excelência a noção de vivência, i.e. a percepção isolada e fragmentada da modernidade. O personagem proustiano está isolado em seu próprio romance, sente a falência da faculdade comunicativa, a percepção distraída não lhe oferece nada que possa ser transmitido ao outro. A labuta de suas relações se desenvolve numa superficial vivência; nas conversas com os outros, toda sua consciência se fazia presente, o que tornava as conversas um exercício cansativo e infecundo à comunicação. As conversas narradas no romance, em geral, parecem falar o que se espera que seja dito, com o absoluto cuidado de não causarem surpresa às expectativas dos interlocutores; estas conversas possuem como máximo objetivo abordarem as ideias que estão em moda e confirmá-las. Assim as opiniões dos personagens seguem um padrão que só passa por reapreciações de acordo com os movimentos das novas tendências. No hábito dessa vivência o indivíduo não se comunica, pois comunicar-se significa tornar-se vulnerável ao choque do outro. Ao permanecer na tensão de sua superficialidade, a percepção consciente procede como uma barreira à entrada no seu interior. Ao manter-se nessa superficialidade, protegido pela repetição maquinal dos costumes o narrador evitava assumir sua pobreza, ou seja, permanecia apegado aos hábitos e não percebia que toda a tradição a que ele se vinculava era incapaz de dar sentido à sua vida e fazê-lo perceber seu próprio tempo.

A vida do narrador era gerenciada por seus hábitos e, pelas regras de sua rotina mundana, seus costumes seguiam um ritmo maquinal, de tal forma que as memórias de suas experiências se soterravam na repetição do hábito.

“É a transformação em hábito de uma experiência devastadora. (...) Os hábitos são formas petrificadas, irreconhecíveis, de nossa primeira felicidade e de nosso primeiro temor”.<sup>168</sup>

Por isso sua infância, sendo suas primeiras experiências, haviam sido tão severamente esquecidas, foram empurradas para as profundezas de sua memória. Até que um presente as acolhe, ouve seus gemidos saindo de uma xícara de chá. Referimos-nos à famosa passagem em que o narrador, “maquinalmente, acabrunhado com aquele triste dia e a perspectiva de mais um dia tão sombrio como o primeiro”<sup>169</sup>, se põe a tomar chá com bolinhos chamados *madeleine*. No entanto, o que era para ser mais um instante vazio e homogêneo na infinita sequência dos dias se transforma numa “experiência única no seu gênero”<sup>170</sup>.

“(...) no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com migalhas de bolo, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferente às vicissitudes da vida, inofensivos seus desastres, ilusória sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou, antes, essa essência não estava em mim, era eu mesmo. Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal”.<sup>171</sup>

Neste breve instante em que o gosto do chá tocou seu paladar, o narrador sente soprar, em seu ser embotado e adormecido, o ar fresco de seus paraísos perdidos, isto é, sente eclodir de sua memória involuntária experiências há muito esquecidas.

“De onde me teria vindo aquela poderosa alegria? (...) É claro que a verdade que procuro não está nela (na bebida), mas em mim. (...) Volto-me a meu espírito. É a ele que compete achar a verdade. Mas como? Grave incerteza, todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo, quando ele, o explorador, é ao

<sup>168</sup> PROUST, Marcel. *No Caminho de Swann*, p. 253

<sup>169</sup> No caminho de Swann. 2006. p. 71

<sup>170</sup> BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In *Obras escolhidas*, p. 230.

<sup>171</sup> PROUST, Marcel. *No Caminho de Swann*, p. 71.

mesmo tempo o país obscuro a explorar e onde todo o seu equipamento de nada lhe servirá. Explorar? Não apenas explorar: criar. Está diante de qualquer coisa que ainda não existe e que só a ele pode dar realidade e fazer entrar em sua luz”.<sup>172</sup>

Ao topar com seus paraísos perdidos o narrador, de chofre, não os reconhece, pois estavam há tanto tempo perdidos que se tornaram estranhos, experiências irreconhecíveis, diferentes de todo hábito a que estava acostumado. Mas, por lhe pertencerem, ou melhor, por o constituírem, ele acaba aceitando que a alegria que sente advém de si mesmo, de suas recordações, então, ele se esforça em se observar, se explorar. Lança-se às memórias involuntárias que se tornaram acessíveis graças ao odor e ao sabor que as conservaram

“por muito tempo, lembrado, aguardado, esperando, sobre ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua goticula impalpável, o edifício imenso da recordação”<sup>173</sup>

Se a partir das imagens fragmentadas o narrador não se recordava de sua vida de outrora é porque suas experiências foram confiadas, não às fotografias fixadas pela consciência, mas sim aos odores que desviaram a barreira da consciência e clandestinamente se aboletaram em sua memória, pois conforme diz Benjamin:

“O odor é o refugio inacessível da memória involuntária. Dificilmente ele se associa a uma imagem visual; entre todas as impressões sensoriais, ele apenas se associará ao mesmo odor. (...) reconhecer um perfume (...) embota profundamente a consciência do fluxo do tempo. Um odor desfaz anos inteiros no odor que ele lembra”.<sup>174</sup>

Proust ao se esforçar em reconhecer estas correspondências que o odor do presente travou com seu passado, ele descobre que o chá com madeleine fez ressurgir um determinado episódio de sua infância e junto com este episódio particular, todas as experiências que tivera quando criança puderam ser salvas pela recordação.

<sup>172</sup> PROUST, Marcel. *No Caminho de Swann*, p. 71

<sup>173</sup> (PROUST, Marcel. *No Caminho de Swann*, p. 74.

<sup>174</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. Obras Escolhidas vol. III, p. 135.

Entretanto, devemos ressaltar que estas experiências não são salvas como uma “imagem eterna do passado”<sup>175</sup>, pois, o que o narrador recorda não é “uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu”<sup>176</sup>, ou seja, as experiências que o narrador salva não se mantiveram imóveis no decurso do tempo. Tal como num aprendizado em que os novos ensinamentos se conjugam com os anteriores e os modificam e alargam, as experiências, no transcorrer de uma vida, continuam a se acumular e se articular com cada nova experiência, numa permanente analogia de instantes afins.

‘(...) entre o mínimo ponto de nosso passado e todos os outros, uma rede riquíssima de lembranças nos oferece larga escolha de vias de comunicação’.<sup>177</sup>

Sendo assim, a importância do episódio da madeleine, em que o narrador é retirado do hábito da vivência e se dá conta de suas experiências, não se justifica pela mera lembrança de um passado antiquado, mais do que isso, o narrador em um lapso vislumbra as infindáveis relações entre suas experiências, percebe que sua vida se desenvolve em uma teia em que cada experiência se comunica com tantas outras, e que é justamente nesta teia que ele se forma, é nelas que ele ganha identidade. Se o arquivo de vivência não tem nada de próprio, o intercâmbio entre as experiências é algo absolutamente único e que determina o que cada um é. Pois as vivências que constituem a memória são conscientes e individualizadas, só apresentam sentido para os que participaram do acontecimento lembrado, não estendem sentido para fora do fato objetivo; a memória voluntária tem abrangência restrita, não agrega, do contrário segrega, não traz nada que mereça ser comunicado.

Já as experiências da memória involuntária são passíveis de serem comunicadas, não é a toa que Proust escreve cerca de três mil páginas para comunicá-las, pois a memória involuntária de um sujeito não se restringe ao âmbito individual e particular, do contrário ela tem a capacidade de se entrelaçar com a memória coletiva. É uma memória que não pretende encerrar-se no eu, mas

<sup>175</sup> BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In. Obras escolhidas, p. 230.

<sup>176</sup> BENJAMIN, Walter. *A imagem de Proust*. In. Obras Escolhidas, p. 37.

<sup>177</sup> PROUST, Marcel. *O Tempo Redescoberto*, p. 277.

que pretende pulverizar-se, comunicar-se, misturar-se. É nesse intercâmbio de memórias que se ganha identidade, pois não há nada em si, cada coisa estabelece sua medida diante da perspectiva em que se relaciona. Percebemos as coisas e nós mesmos a partir da comparação, do jogo de diferenciar, e do contato com o outro. É a partir dessa relação que se lança ao coletivo, que as singularidades e identidades se formam. Ou seja, é do entrecruzamento com o outro, engendrado pela memória involuntária, que o sujeito moderno, deslocado da temporalidade da tradição, cria uma experiência possível. Nesse sentido Proust, ao escrever suas memórias involuntárias, também se lança ao coletivo, cria em uma experiência possível em tempos de decadência da experiência comunicativa, pois seu intuito é de transformar os que o lessem, não apenas seus leitores, passivos leitores de um romance, mais do que isso. Ele deseja criar uma possibilidade de experiência, ou, como ele mesmo diz, deseja transformar: “(...) leitores de si mesmos, não passando de uma espécie de vidro de aumento (...) o livro graças ao qual eu lhes fornecia meios de se lerem”<sup>178</sup>.

Ao lembrar-se de sua infância, o narrador se defronta com a origem da teia de suas experiências pessoais e coletivas, logo, com a origem de sua própria formação. Insistimos em ressaltar que a palavra origem não é usada para indicar um ponto de largada, pois as lembranças evocadas pela memória involuntária, as experiências, não possuem a estrutura de início, meio e fim e não estão encerradas nos limites do “eu”, nas lembranças estritamente individuais. A origem é aqui demonstrada como movimento que sempre já se deu, e continua prevalecendo, não se refere a um começo inaugural que se apresentou isoladamente em um passado, origem se mostra em si, ela gera, e é só na geração que ela se mostra. A dinâmica da origem se dá na realidade e forma realidade. Por origem pretendemos mostrar um movimento que se deu e continua prevalecendo, não se refere a um começo inaugural que se apresentou isoladamente em um passado. As experiências que o narrador tivera em sua infância não tiveram início em seu nascimento e não se encerrarão nesta fase de sua vida. As experiências infantis do narrador o marcaram, e estenderam sua influência de tal forma que conduziram a continuidade de suas experiências. Ao se deparar com o seu eu do passado ele está diante não apenas de uma criança, da individualidade da criança que um dia ele

---

<sup>178</sup>PROUST, Marcel. *O Tempo Redescoberto*, p. 280.

foi, mas de todas as quais ele descende, e que o transformaram no adulto que é.. Os medos, as angústias e os prazeres que marcaram as experiências infantis do narrador correspondem, de alguma forma, a tudo aquilo que marca as experiências deste adulto.

“(...) todo esse tempo tão longo não fora, sem interrupção, vivido, pensado, segregado por mim, era minha vida, era eu mesmo, como ainda o devia incessantemente manter preso a mim, pois me sustentava, eu me via jungindo a seu cimo vertiginoso, não me podia locomover sem comigo o deslocar”.<sup>179</sup>

O narrador ao se voltar para as experiências de seu passado se volta, igualmente, para as experiências de seu presente, o passado ilumina sua visão e lhe permite enxergar seu presente. E não é apenas o presente que é visto, mas o próprio passado também é inaugurado neste instante, pois é reinterpretado e passa a ser visto como nunca antes fora. O passado, ao ser observado de fora, apresenta caricaturados todos os medos e prazeres de outrora, pois neste olhar retrocesso conhecemos os desfechos dos fatos, eles são despidos de toda sua gravidade, pois não estamos mergulhados em suas circunstâncias, sujeitos às emoções do momento. Entretanto, só assumimos esta perspectiva acerca do passado depois que nossas memórias vêm à tona - tal como no episódio da madeleine- e nos retira do continuum do tempo. Antes deste salto do passado no presente, as impressões, causadas pelas experiências pretéritas, permaneciam em nós, nos influenciando sem que conhecêssemos sua proveniência e causa. Uma vez que enfrentamos nosso passado, ele nos denuncia a origem das impressões que arrastamos durante todos nossos anos, nossos espectros são enfim identificados, e desta descoberta são acarretadas verdadeiras transformações não só no passado, mas principalmente no presente.

É a partir dessa compreensão de tempo em que passado entrecruza o presente, que o romance *Em busca do tempo perdido* influencia a construção da teoria do tempo de Benjamin. Arriscamos mesmo em dizer que o narrador de Proust muito se aproxima ao “materialismo histórico”, figura muito cotada nas “teses” de Benjamin e que tem como tarefa engendrar uma leitura da história que

<sup>179</sup> PROUST, Marcel. *O Tempo Redescoberto*, p. 291.

não se contente apenas com a insistente repetição do previsível, ou seja, o materialismo histórico não pretende deter-se no discurso tradicional que trata a história como uma sucessão cronológica de fatos. Sua interpretação almeja lançar-se para além dos dados informativos e da unicidade de perspectiva.